

CAMINHOS DA ALFABETIZAÇÃO INTERCULTURAL NA ESCOLA INDÍGENA: EXPERIÊNCIAS NO CONTEXTO ZORÓ E GAVIÃO DE RONDÔNIA E MATO GROSSO

Vanubia Sampaio dos Santos¹

vanubia.sampaio@gmail.com

Universidade Federal de Rondônia- UNIR

Resumo:

Este artigo é resultado de estudo finalizado no âmbito do PIBIC/UNIR intitulado: “O projeto Alfabetização Intercultural: Processo de aquisição da língua escrita pelas crianças indígenas Gavião-Ikolen e Zóro – Panyjeje”, e está vinculado ao Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia – GPEA/UNIR, campus Ji-Paraná, Rondônia. O objetivo foi investigar e registrar como ocorre o processo de apropriação da cultura escrita na escola indígena a partir das contribuições dos estudos da Psicogênese da língua escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1991), bem como a aproximação deste estudo com os saberes da oralidade e interculturalidade (NEVES, 2009). O projeto foi desenvolvido em duas escolas indígenas, uma situada na Terra Indígena Igarapé Lourdes do povo Gavião, e outra localizada na Terra Indígena Zoró em Mato Grosso. A pesquisa seguiu os procedimentos metodológicos da pesquisa qualitativa (ANDRÉ, 2012) e entrevista semiestruturada com os docentes indígenas, análise das atividades dos cadernos escolares (MIGNOT, 2005). A relevância deste estudo reside no fato de que seus resultados evidenciam novas possibilidades para desenvolver propostas de alfabetização com professores e professoras indígenas. Essas propostas diferenciadas permitem experiências e atividades significativas de leitura e escrita, estabelecendo uma estreita relação com as práticas sociais e culturais vivenciadas no cotidiano indígena.

Palavras-chave: Alfabetização. Cultura escrita. Interculturalidade. Contexto indígena.

1 Introdução

O presente texto tem como objetivo apresentar reflexões acerca aprendizagem da leitura e escrita na escola indígena Zoró e Gavião numa perspectiva da educação intercultural, pautadas nas ações de um Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica: *Alfabetização Intercultural: Processo de aquisição da língua escrita pelas crianças indígenas Gavião-Ikolen e Zóro – Panyjeje*” se caracteriza como um trabalho de pesquisa da qual a oralidade, escrita e a educação bilíngue são consideradas categorias relevantes que compõem os estudos da alfabetização intercultural.

A pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Departamento de Educação Intercultural - Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural da Universidade Federal de

¹ Professora Doutora em Educação do Departamento de Educação Básica Intercultural da UNIR, Campus de Ji-Paraná/RO. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia – GPEA e Formadora do Programa Ação Saberes Indígenas na Escola- MEC.

Rondônia, Campus de Ji-Paraná vinculado ao Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia – GPEA.

A pesquisa em questão foi composta por dois planos de pesquisa, orientado pelos objetivos, uma vez que estes mesmos objetivos trazem questões essenciais que norteiam e delimita os dois referidos planos de trabalho. O **primeiro plano** tem como título: O processo de aquisição da língua escrita na escola indígena *Gavião-Ikolen*²: Um estudo a partir da análise dos cadernos das crianças indígenas e entrevistas com os docentes. O **segundo plano** intitulado de: O processo de aquisição da língua escrita na escola indígena *Zoró-Pangyjej*³: Um estudo a partir análise dos cadernos das crianças indígenas e entrevistas com os docentes. Nota-se, no entanto que, os dois planos de trabalhos têm-se pautado, sobretudo na investigação de como acontece o processo de aquisição da escrita entre os Ikolen e *pangyjej* na escola.

2 Fundamentação teórica

[...] A escrita é uma técnica. É preciso dominar esta técnica para poder utilizá-la a favor da gente indígena. Técnica não é negação do que se é. Ao contrário, é afirmação de competência. É demonstração de capacidade de transformar a memória em identidade, pois ela reafirma o Ser na medida em que precisa adentrar no universo mítico para dar-se a conhecer ao outro. (MUNDURUKU, 2009, p. 1).

O estudo em questão busca compreender como acontece a aquisição desse saber escrito no contexto escolar indígena *Ikolen e Pangyjej*, compreendida numa perspectiva intercultural, a partir das contribuições da concepção construtivista de alfabetização, ou seja, os estudos da Psicogênese da língua escrita em diálogo com os estudos sobre os saberes da oralidade.

É interessante destacar, que assim como a escola, a escrita [alfabética] é um fenômeno recente, um instrumento de conquista recente dos povos indígenas, conforme, afirma Monte (1994, p. 65), ao revelar sua experiência a partir de trabalhos realizados com os professores indígenas do Estado do Acre: “assiste-se, com satisfação renovada, ao incremento, por parte dos próprios grupos indígenas acreanos, de uma atitude favorável às práticas escolares e de letramento em línguas indígenas, que até muito recentemente eram de tradição oral e ágrafa”.

² Plano de trabalho desenvolvido pelo estudante indígena e bolsista/PIBIC, Claudinei Xirxiarhv Gavião.

³ Plano de trabalho desenvolvido pelo estudante indígena e bolsista/ PIBIC, Sandro I'Ap Zoró.

3 Breve histórico do contexto do povo Gavião- *Ikolen e Zoró - Pangyjej*

3.1 Gavião-*Ikolen*

O Povo Gavião se autodenomina *Ikolen*, pertence ao tronco linguístico Tupi, família Mondé. São originários do noroeste do Mato Grosso e a primeira referência sobre esta etnia data da década de 1940 e pouco se estudou sobre sua cultura ancestral. Harald Schults, citado por Mindlin (2001), refere o povo Gavião pela primeira vez, em 1957 quando passou por Rondônia.

Os *Ikolen* possuem uma população de aproximadamente 523 pessoas, distribuem-se em seis aldeias, todas elas localizadas no interior da Terra Indígena Igarapé Lourdes, que compartilham juntamente com o povo Arara-Karo. São elas: Igarapé Lourdes, *Ikolen*, Cacoal, Nova Esperança, Castanheira e Ingazeira. Conheceram a evangelização missionária desde a década de 1940, e, apesar das modificações ocorridas entre eles, mantém viva a memória ancestral. Estabeleceram contato em 1965 com os missionários da Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB), que iniciaram seu trabalho de evangelização no Igarapé Lourdes. Em 1966 o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) chegou à região, iniciando o trabalho de realdeamento e aproximação dos *Ikolen* e Karo que se encontravam dispersos nos seringais da região. Foi o primeiro passo para a criação da Terra Indígena Igarapé Lourdes (CARDOZO E JÚNIOR, 2012).

3.2 O povo Zoró - *Pangyjej*

O povo Zoró, autodenominado "Pangyjej", conta com aproximadamente 800 pessoas em 25 aldeias na Terra Indígena Zoró, Rondolândia/MT. Habitantes seculares do noroeste de Mato Grosso e sul de Rondônia, os Zoró falam a língua Pangyjej, do tronco Tupi e família linguística Mondé, compartilhada com os Gavião/RO, Cinta Larga, Aruá e Suruí/RO, entre outros (ISA, 2010). Os povos Tupi-Mondé incluem cerca de sete pequenos grupos em Rondônia e Mato Grosso (ISA, 1986).

O grupo Zoró foi contatado pela FUNAI em 1977, em meio ao processo de colonização. Hoje, vivem na área Indígena Zoró, com 430 mil hectares (DAL POZ, 2009). O professor indígena Waratã Zoró relata que o contato intensificou-se na década de 1970 com a instalação da Fazenda Castanhal próxima ao seu território. A Missão Novas Tribos do Brasil influenciou a educação dos Zoró, utilizando materiais didáticos na língua

Gavião devido à semelhança linguística. Waratã Zoró confirma a assistência dos missionários com livros e materiais escolares (entrevista em 05 de Julho de 2013).

A escolarização indígena no Brasil varia amplamente, refletindo a diversidade sociocultural (SANTOS, 2014). A implementação da educação escolar fundamental e média para os Zoró representou um avanço significativo, fruto de esforços comunitários e negociações com a Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso – SEDUC/MT. A criação do Projeto Político Pedagógico de Educação Básica Intercultural e Específica para o Povo Zoró (PEBI/PZ, 2011) e do Projeto Político Pedagógico da aldeia-escola Zawã Karej Pangyjej (PEZKP, 2002) permitiu aos professores indígenas ensinarem disciplinas específicas de Ciências e Saberes Indígenas, contando com a presença dos anciãos na aldeia-escola.

4 Metodologia:

A pesquisa seguiu os procedimentos metodológicos da pesquisa qualitativa (ANDRÉ, 2012), e investigar como as crianças indígenas Gavião-Ikolen e Zoró - *Pangyjej* são alfabetizadas, implica, sobretudo compreender o processo de aprendizagem no campo da alfabetização intercultural a partir de uma articulação entre oralidade e escrita em perspectiva bilíngue/multilíngue com os conhecimentos e saberes de cada povo.

5 Resultado e discussões: O que revelaram os cadernos escolares analisados?

Foram analisados cadernos de estudantes indígenas pertencentes ao povo Gavião-Ikolen e Zoró Pangyjej, Assim as estratégias de ensino usadas pelos professores indígenas mostram a grande preocupação quanto ao desenvolvimento de seus educandos e educandas. Vale ressaltar que esse processo desenvolvido pelos professores indígenas com seus estudantes acontece mediante uma educação intercultural, onde os conhecimentos escolares ensinados por são baseados no cotidiano da aldeia, através das atividades escolares por meio da utilização do nome de animais, o que permite aproximação com a realidade do povo. Segundo o professor indígena Claudinei Xirxiarhv Gavião para alfabetizar as crianças ele procede da seguinte forma:

Apresento primeiro o alfabeto Ikolen [língua materna] para que elas conheçam o início das palavras, dos nomes, por isso ensinamos os alunos através do alfabeto, fazemos leituras do alfabeto fixo e depois trabalhamos com a formação de palavras a partir nos nomes dos animais

que as crianças conhecem. (Entrevista Prof. Claudinei X. Gavião, 04 de fevereiro de 2016)

Observamos que esse procedimento para ensinar na língua materna Gavião é também o procedimento para ensinar a língua portuguesa. O professor evidencia ainda em sua fala que a compreensão e apropriação da língua escrita torna-se mais compreensível quando o outro que ensina fala a mesma língua, ou seja, quando há possibilidades de diálogo entre os sujeitos, o que facilita a compreensão do código da escrita.

Neste sentido para termos uma maior compreensão desse processo, é que situamos os cadernos escolares, materiais importantes, fontes de informações e pesquisas, neles existem valiosas informações sobre costumes, modo de vida do estudante, rabiscos sobre como pensam determinadas coisas, enfim, revelam informações que muitas vezes passam despercebidas: “[...] os cadernos escolares constituem uma fonte valiosa na hora de conhecer e analisar de um modo bastante confiável tanto os processos de implantação e difusão mencionados como os de hibridação, adaptação, acomodação ou aceitação que costumam acompanhá-los” (VIÑAO, 2008, p. 16).

Foi possível observar que o processo de aquisição do conhecimento escrito na escola indígena, inicia com a apresentação do alfabeto em língua.

A seguir evidenciamos o caderno das crianças Gavião e Zoró em processo de alfabetização inicial, as imagens abaixo evidenciam as diferentes atividades - ditado e lista dos nomes.

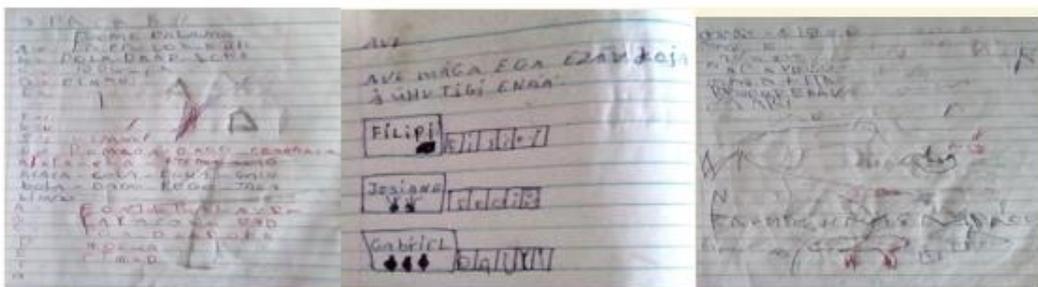


Figura 1, 2 e 3 – Exemplo da escrita infantil na língua materna Ikolen e língua Portuguesa
Fonte: PIBIC/UNIR – Acadêmico e Prof. Indígena Claudinei Gavião (2015).

Os cadernos revelam que no decorrer do processo, o mesmo acontece com exercícios a partir da apresentação do alfabeto Gavião na língua portuguesa. As atividades de memorização e cópia evidenciam um modelo de alfabetização empirista (WEISZ, 1998), onde muitas vezes o professor alfabetiza da forma em que o mesmo foi alfabetizado. Observa-se no caderno das crianças que os conhecimentos indígenas

refletem o cotidiano da aldeia em seu processo de alfabetização, como podemos perceber na imagem abaixo.

A presença de desenhos de animais nas atividades escolares, refletem um cotidiano vivido pelas crianças na aldeia, algo que é visto no seu dia a dia e que é materializado nos cadernos escolares, explicitando que: “A floresta parece estar o tempo todo na escola e no papel. A autoria criadora do (a) pequeno (a) aprendiz indígena elabora uma lista muito especial, ilustrada com imagens conhecidas [...]” (NEVES, 2009, p. 281).

Do ponto de vista da aprendizagem, parece haver uma evidência de Alfabetização Intercultural na medida em que envolve o conhecimento de duas culturas: a escrita como ferramenta não indígena e as impressões no papel apresentam elementos da realidade indígena como no caso da imagem acima em que há um grupo de animais que provavelmente a criança conhece, fazem parte do seu mundo. A ênfase aqui é na inicial dos nomes.

Esse tipo de atividade é muito importante nesse processo, pois há a presença do cotidiano da criança na forma dos desenhos, o que não distancia a aprendizagem do conhecimento construído na prática social vivenciado no processo da educação indígena onde todos e todas aprendem e ensinam.

O trabalho de alfabetização nas escolas Zoró Pangyjej tem previsão de ocorrer em quatro anos, neste sentido analisamos os cadernos das crianças indígenas Zoró com idades entre 6 (seis) a 12 (doze) anos, das Aldeias *Zawã Karej* e *Anguj Tapua*, matriculadas na Escola *Zawyt Wawã* (*Anexo I e Anexo II*). A alfabetização inicial na escola acontece priorizando a língua *Pangyjej* e vai até o final do primeiro ciclo do ensino fundamental.

Os Zoró definiram a política linguística da escola considerando a realidade do seu povo, as crianças e os adultos se comunicam entre si em língua *Pangyjej*, deste modo, compreendem que a alfabetização das crianças do 1º ao 4º ano do ensino fundamental (anos iniciais) deve ocorrer priorizando a língua em que são falantes. Consideram ser importante porque a comunidade se comunica exclusivamente em *Pangyjej*, no dia a dia da aldeia. Segundo o professor Francisco Embusã Zoró⁴ e atual coordenador da Escola Municipal Indígena *Zawyt Wawã*, na educação infantil indígena e nos primeiros anos do Ensino Fundamental, os professores trabalham a língua materna [*Pangyjej*].

⁴ (RONDOLÂNDIA, 2011, p 4- 5)

Apresentaremos abaixo o resultado dos trabalhos analisados que evidenciam os processos pedagógicos na alfabetização através dos cadernos escolares, considerada como “[...] pesquisa documental [...]”. (GIL, 2002, p. 44). Os registros analisados neste trabalho correspondem às atividades de alfabetização que ocorreram em 2018. O processo de aquisição do conhecimento escrito na escola indígena Zoró inicia com a apresentação do alfabeto na língua materna por meio de exercícios de memorização, conforme evidenciam as imagens abaixo:

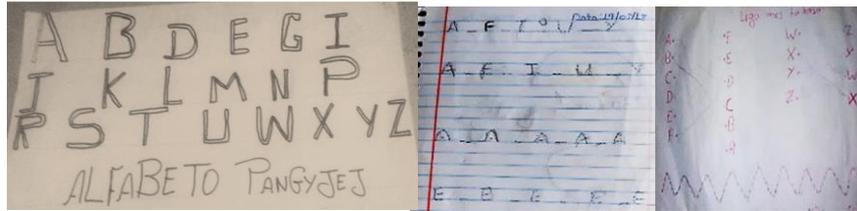


Figura 4 e 5- Alfabeto e Vogais Pangyjej. **Fonte:** Sandro I' Ap Zoró.

Há diferentes ilustrações, desenhos de animais e produção de pequenos textos durante a aprendizagem da língua escrita que envolvem aspectos da cultura indígena Pangyjej, como outro exemplo que é utilizado em festas, onde vive o animal, que bicho é esse, em relação a produção de desenhos, durante a aprendizagem da linguagem escrita, conforme nas imagens das figuras a seguir:



Figuras 6 e 7- Desenhos infantis. **Fonte:** Vanúbia Sampaio. 2019

Nesse contexto, a utilização do desenho durante o processo de aquisição da língua escrita é um instrumento importante (FERREIRO, 1991), visto que além retratar o cotidiano da criança favorece a aprendizagem. Essas atividades funcionam como uma negociação com as crianças pois a partir do que criam é possível relacionar estes saberes à alfabetização na escola indígena (NEVES, 2009).

A Alfabetização Intercultural tem sido um tema trabalhado para compreender como uma criança de uma cultura que esta imersa em outra aprende a ler e a escrever, e tem sido estudado para melhor compreender como acontece a aquisição da leitura e escrita quando envolve culturas diferentes, nesse caso a ser pesquisada a cultura indígena Gavião. Daí a pertinência de nosso interesse investigativo, considerando que a escrita é

um dos instrumentos de empoderamento, destacamos a importância desta pesquisa que se propõem a estudar sobre a aprendizagem da leitura e escrita na escola indígena numa perspectiva da educação intercultural, da qual a oralidade, escrita e a educação bilíngue são consideradas categorias relevantes que compõem os estudos sobre alfabetização intercultural.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, a intenção foi investigar a aquisição da língua escrita na escola indígena Gavião e Zoró. Para alcançarmos nossos objetivos, foi realizada pesquisa documental e bibliográfica. Após coleta de dados, analisamos o material através da análise dos cadernos escolares com intuito de entender como acontece o processo de alfabetização de crianças indígenas. Os resultados esperados foram alcançados que em nossa avaliação permitiram compreender que o processo acontece vinculado à educação escolar, isso nos remete uma alfabetização intercultural, essa etapa acontece mediante há vários aspectos que retratam o cotidiano da comunidade indígena, através de desenhos livres, produções de textos e atividades na língua portuguesa e na língua indígena, são conhecimentos também vivenciados na comunidade indígena Gavião e Zoró nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli E D. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 2012.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

_____. MEC. SECAD/DEDC/CGEEI. **Educação Escolar Indígena: As leis e a educação escolar indígena**. Org. Luís Donisete Benzi Grupioni – SECAD, 2005.

_____. **Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas**. Brasília. MEC/SEF, 1998.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Trabalho de Campo: entrevista**. In: _____. **Investigação qualitativa em educação: introdução a teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRAGGIO, Sílvia Lucia Bigonjal. **Leitura e Alfabetização: da concepção mecanicista à sócio-psicolinguística**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CELLARD, A. A **análise documental**. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008.

CHARTIER, Anne Marie. **Exercícios escritos e cadernos de alunos: reflexões sobre práticas de longa duração**. In: CHARTIER, Anne Marie. **Práticas de leitura e escrita**.

História e atualidade. Belo Horizonte: Autêntica. CEALE. Coleção Linguagem e educação, 2007.

D'ANGELIS, Wilmar. **Aprisionados sonhos: Educação Escolar indígena no Brasil**. Campinas, SP: Curt Nimuendajú. 2012.

Dal Poz, João . “**Os ritos da identidade: Um estudo das relações étnicas nos Cinta Larga**”, in E. Pina de Barros (org.) Modelos e processos: Ensaio de etnologia indígena. Cuiabá: EdUFMT, p. 149-226. 1998

_____. **A ocupação indígena nas áreas Zoró e Roosevelt** - Laudo antropológico pericial. Processo 2001.36.00.001508-9, 1a. Vara da Justiça Federal - Seção de Mato Grosso. Cuiabá, 168 p., anexos, mapas. 2006.

FERREIRO, E.; TEBEROSHY, A. **Psicogênese da língua escrita**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERREIRO, Emília. **O ingresso nas culturas da escrita**. São Paulo: Cortez, 2013.

ISA. **Povos indígenas no Brasil: 2006/2010**. Ed Beto e Fany Ricardol. São Paulo: Instituto Socioambiental. 2010.

NEVES, Josélia Gomes. **Alfabetização Intercultural e apropriação da cultura escrita em áreas indígenas: fragmentos de um debate**. Revista Partes. 2008

_____. **Cultura escrita em contexto Indígena**. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Tese (Doutorado em Educação Escolar) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. Araraquara– SP, 2009.

_____. **A Psicogênese na Aldeia: refletindo o processo de alfabetização com professores e professoras indígenas**. 2005. Revista Partes Disponível em: <http://www.partes.com.br/educacao/psicogenese.asp> . Acesso 02 de maio 2014.

MONTE, Nieta Lindemberg . **Alfabetização e Pós-Alfabetização: uma experiência de autoria**. In: Revista Em Aberto, MEC-INEP: Brasília, julho, 1984.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.

MIGNOT, A. C. V. **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro, 2008.

MINDLIN, B; DIGUT, T; SEBIROP, C. **Couro dos espíritos: namoro, pajés e cura entre os índios Gavião-Ikolen de Rondônia**. São Paulo: Senac, 2001.

MUNDURUKU, Daneil. **Literatura Indígena: o tênue fio entre escrita e oralidade**. <http://www.mundojovem.com.br/artigos/literatura-indigena-o-tenuo-fio-entre-escrita-e-oralidade>. Acesso em: 27 de maio de 2015.

PAULA, Jânia M. **KARO e IKÓLÓÉHJ: escola e seus modos de vida**. Dissertação (Mestrado em Geografia): Fundação Universidade Federal de Rondônia UNIR, Porto Velho. 2008.



SANTOS, Devanir Aparecido dos. **Zoró - Aldeia Escola Zarup Wej**: ensino médio, currículo e ensino de história (1989-2013). Diss. (Mestrado em História). Universidade Pontifícia Católica de Rio Grande do Sul. Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus Porto Alegre. Porto Alegre – RS, 2014.